
A TOMADA DA PALAVRA NA INTERACÇÃO VERBAL: CONTRIBUTOS PARA A SUA ANÁLISE

Rui Vieira de Castro*

1. Âmbito do estudo

A alternância dos sujeitos no uso da palavra é um princípio constitutivo da interacção verbal. A mudança de locutor, se considerados o momento em que ocorre, o espaço discursivo que assegura e as relações que, na sua sequência, se estabelecem com o discurso anterior, pode ser regulada por um enquadramento mais ou menos forte, consoante o desenho dos factores da interacção verbal. Há situações de comunicação para as quais estão previamente definidas as regras relacionadas com a tomada da palavra, o tópico do discurso, a quantidade da informação e a forma da expressão – é o que acontece nas situações de interacção formal⁽¹⁾; outras situações há em que o enquadramento é fraco: na conversação, a distribuição, a relação, a quantidade e, até, o modo da comunicação negociam-se momento a momento.

Relativamente à transição de locutor, a investigação tem demonstrado que, mesmo na conversação, ela ocorre de forma fluida, sendo a existência de silêncios longos ou de sobreposições continuadas de

* Assistente na Universidade do Minho.

A tomada da palavra na interacção verbal

enunciados diferenciados, factores de disforia na comunicação (Ervin - Tripp, 1979: 391-392). Estas características da interacção verbal são parcialmente explicáveis pelo princípio de cooperação comunicativa (Grice, 1975) e pelas regras sociais. Além disso, há no campo específico do linguístico e do conversacional mecanismos que, operando enunciado a enunciado, regulam a mudança de locutor e a distribuição das unidades conversacionais (Sacks *et al*, 1978). Este mecanismo é definido como comportando uma componente construcional, relacionada com a possibilidade que o locutor tem de construir enunciados com vários tipos de unidades, uma componente de atribuição da palavra e as regras que orientam a construção e a distribuição das unidades conversacionais e coordenam a mudança de locutor de modo a evitar silêncios ou sobreposições.

Em contextos formais de interacção, os princípios que actuam na mudança de locutor aparecem modificados face ao que acontece na conversação; para lá das restrições que podem afectar a cooperação comunicativa e da especificidade das regras sociais, o mecanismo regulador da transição de locutor pode integrar regras que não operem apenas ao nível da gestão local da interacção.

Assim, por exemplo, para o contexto pedagógico de comunicação, a investigação permitiu estabelecer a existência de regras específicas como, entre outras, as que se materializam numa distribuição diferenciada pelos sujeitos do "acesso ao uso de técnicas diferenciadas do tipo "locutor em funções selecciona o locutor seguinte"" (McHoul, 1978: 211) ou no facto de haver locutores que, se considerada uma estrutura internacional de troca do tipo "abertura → resposta → fechamento", se especializam na realização de alguns destes movimentos discursivos (Sinclair *et al*, 1975).

A existência de um enquadramento forte, em que os transmissores detêm um maior controle sobre o andamento, a organização e o ritmo da comunicação, não significa, porém, que não ocorram nos contextos formais de interacção, tal como nos contextos informais, situações em que vários

locutores realizam ao mesmo tempo diferentes enunciados, negociando no processo de transição de locutor, e da forma mais fundamental, o seu estatuto e o seu posicionamento na comunicação.

São os momentos de negociação da tomada da palavra, em que à estrutura "Locutor em funções (enunciado A) → Locutor seguinte (enunciado B)" se substitui a estrutura "Locutor em funções (enunciado A) - Locutores seguintes simultâneos (vários enunciados)" que constituem o objecto deste estudo. A análise daqueles momentos, realizada sobre um contexto formal de comunicação, o contexto pedagógico, pareceu pertinente enquanto contribuição para a descrição dos processos de tomar a palavra e também para a caracterização do discurso pedagógico.

2. Objectivos do estudo

Para este estudo foram definidos os seguintes objectivos:

- caracterizar de um ponto de vista linguístico e internacional os enunciados que geram as unidades discursivas simultâneas e aqueles que as solucionam;
- relacionar os enunciados que delimitam as unidades discursivas simultâneas com os papéis dos locutores que os realizam.

Estes objectivos específicos concretizam um objectivo mais geral que é o de analisar os processos de mudança de locutor e, ao mesmo tempo, caracterizar as formas como se constituem as relações sociais no processo de interacção verbal.

Em relação com os objectivos enunciados, considerados os resultados da investigação que estão disponíveis, foram formuladas as seguintes hipóteses de trabalho:

- há enunciados que, ou pelas suas características linguísticas, ou pelo estatuto dos locutores que as realizam, ou, ainda, pelos contextos em

A tomada da palavra na interacção verbal

que ocorrem, têm um maior potencial de geração das unidades discursivas simultâneas;

– as desigualdades na distribuição do poder e do controlo entre os sujeitos em interacção nos contextos formais de comunicação têm uma tradução linguística e interaccional no posicionamento perante aquelas unidades discursivas.

3. Metodologia

O material linguístico sobre o qual se realizou o estudo foi obtido a partir de transcrições de aulas de Português em que a interacção envolvia potencialmente todos os sujeitos⁽²⁾.

De entre um conjunto de 2526 unidades discursivas⁽³⁾, correspondendo a 180 minutos de gravação realizada em seis contextos diferentes, foram seleccionadas as 115 unidades discursivas simultâneas identificadas que, juntamente com as suas unidades adjacentes, constituem o *corpus* do trabalho.

Como principais instrumentos de análise foram utilizadas duas grelhas, que serviram a descrição dos enunciados geradores das unidades discursivas simultâneas e a análise dos processos linguísticos de resolução dessas mesmas unidades.

No processo de identificação das características dos enunciados que geram as unidades discursivas simultâneas foram aqueles considerados na sua posição estrutural na interacção, na sua estrutura ilocutória e nos seus valores semânticos:

NÍVEL 1		--- MOVIMENTO DE ABERTURA	1.1	
		--- MOVIMENTO DE RESPOSTA	1.2	
		--- MOVIMENTO DE FECHAMENTO	1.3	
NÍVEL 2		--- ACTO DIRIGIDO	- INDIVIDUALIZADO	2.1
			- GERAL	2.2
		--- ACTO NÃO DIRIGIDO	2.3	
NÍVEL 3		--- AI DIRECTIVO	- DIRECTO	3.1
			- INDIRECTO	3.2
		--- AI NÃO DIRECTIVO	3.3	
NÍVEL 4		--- DISCURSO REGULADOR	4.1	
		--- DISCURSO INSTRUCIONAL	4.2	

Grelha 1. Formas linguísticas de geração das unidades discursivas simultâneas

O primeiro nível de análise descreve os enunciados em termos da sua posição na unidade estrutural interactiva mínima. Depois, no plano da estrutura ilocutória dos enunciados, a grelha procura defini-los em função da forma de selecção do alocutário e dos objectivos ilocutórios. No plano do conteúdo proposicional, adopta-se uma categorização dos enunciados por referência ao discurso regulador e ao discurso instrucional (Pedro, 1982).

As primeiras categorias de cada nível caracterizam os enunciados que supõem, por parte de quem os realiza, um maior grau de controlo sobre o contexto de interacção.

A tomada da palavra na interacção verbal

O estudo dos processos linguísticos de resolução das unidades discursivas simultâneas foi realizado com recurso a uma segunda grelha, que comportava quatro níveis de análise⁽⁴⁾.

NÍVEL 1	--- ACTO DIRIGIDO	INDIVIDUALIZADO	1.1	
		GERAL	1.2	
		--- ACTO NÃO DIRIGIDO	1.3	
NÍVEL 2	--- AI DIRECTIVO	DIRECTO	2.1	
		INDIRECTO	2.2	
	--- AI NÃO DIRECTIVO		2.3	
NÍVEL 3	--- MANUTENÇÃO DO ASSUNTO	C/REORGANIZAÇÃO	3.1	
		S/REORGANIZAÇÃO	3.2	
	--- ALTERAÇÃO DO ASSUNTO	S/MUDANÇA DE PLANO DISCURSIVO	3.3	
		C/MUDANÇA DE PLANO DISCURSIVO	3.4	
NÍVEL 4	POSICIONAMENTO	-- DO PRÓPRIO	4.1	
		-- DO OUTRO	AQUISIDOR	4.2
			TRANSMISSOR	4.3

Grelha 2. Processos linguísticos de resolução das unidades discursivas simultâneas

No nível 1 da grelha são considerados os processos utilizados para a organização da interacção, em função do tipo de selecção do alocutário. O nível 2 refere-se aos objectivos ilocutórios do enunciado realizado, dando conta do maior ou menor enquadramento que é realizado sobre o ritmo da comunicação. No terceiro nível considera-se o conteúdo proposicional dos enunciados, procurando-se determinar o modo como é perspectivado o andamento da comunicação relativamente ao discurso anterior. O nível 4 serve a avaliação do modo como o locutor se posiciona no discurso e, ao fazê-lo, posiciona os outros sujeitos.

Os instrumentos de análise utilizados, concebidos para aplicação a situações entre dissemelhantes, têm como referência fundamental o conceito de enquadramento (Bernstein, 1981), conceito que se refere ao princípio regulador das práticas comunicativas entre transmissores e aquisidores. Face às características do *corpus* interessava encontrar uma categorização que permitisse estudar o modo como eram regulados o andamento, a forma e a organização da comunicação (princípio de interacção).

4. Apresentação e análise dos resultados

Das 115 ocorrências registadas de unidades discursivas simultâneas, 60,9% são precedidas por enunciados realizados por transmissores (professores); nos 39,1% de casos restantes são enunciados de aquisidores (alunos) que antecedem as unidades discursivas simultâneas.

A aplicação da grelha 1 ao conjunto dos enunciados que no *corpus* precediam estas unidades, considerando na análise o estatuto dos locutores, produziu os resultados constantes do Quadro 1.

QUADRO 1. Características dos enunciados geradores das unidades discursivas simultâneas

	Enunciados dos profs.		Enunciados dos alunos	
	F	%	F	%
1.1. Movim. Abertura	49	(74,2)	12	(27,3)
1.2. Movim. Resposta	2	(3,0)	32	(72,7)
1.3. Movim. Fecham.	15	(22,7)	0	(0,0)
2.1. Acto Diri.Individ.	13	(20,3)	38	(88,4)
2.2. Acto Diri.Geral	35	(54,7)	2	(4,7)
2.3. Acto Não Dirigido	16	(25,0)	3	(7,0)
3.1. AI Direc.Directo	9	(14,3)	1	(2,4)
3.2. AI Direc.Indirecto	36	(57,1)	5	(12,2)
3.3. AI Não Directivo	18	(28,6)	35	(85,4)
4.1. Discurso Regulador	9	(14,1)	1	(2,6)
4.2. Discurso Instrucional	55	(85,9)	38	(97,4)

A resolução das unidades discursivas simultâneas é em 88,6% dos casos da responsabilidade dos transmissores; em 11,4% das ocorrências são os aquisidores quem resolve aquelas unidades. A aplicação da grelha 2 ao

corpus, tendo em conta os papéis dos locutores, forneceu os resultados que constam do Quadro 2.

QUADRO 2. Processos linguísticos de resolução das unidades discursivas simultâneas

	Enunciados dos profs.		Enunciados dos alunos	
	F	%	F	%
1.1. Acto Diri.Individ.	29	(28,4)	11	(91,7)
1.2. Acto Diri.Geral	49	(48,0)	1	(8,3)
1.3. Acto Não Dirigido	24	(23,5)	0	(0,0)
2.1. AI Direc.Directo	32	(31,4)	0	(0,0)
2.2. AI Direc.Indirecto	45	(44,1)	2	(16,7)
2.3. AI Não Directivo	25	(24,5)	10	(83,3)
3.1. Manut.Assun.C/ Reorg.	45	(45,5)	2	(16,7)
3.2. Manut.Assun.S/ Reorg.	10	(10,1)	8	(66,7)
3.3. Alter.Assun.S/ Mud.Plano	14	(14,1)	1	(8,3)
3.4. Alter.Assun.C/ Mud.Plano	30	(30,3)	1	(8,3)
4.1. Posicion.Próprio	-	-	1	(8,3)
4.2. Posicion.Outro Aquis.	-	-	0	(0,0)
4.3. Posicion.Outro Trans.	-	-	11	(91,7)

A análise dos resultados permite verificar que o processo de transição de locutor que se traduz na emergência de unidades discursivas simultâneas está relacionado com o estatuto dos locutores e com a forma

A tomada da palavra na interacção verbal

dos enunciados. Isto é, há enunciados que pelas suas características linguísticas e internacionais geram um enfraquecimento do enquadramento, estando na base de um processo mais complexo de transição de locutor.

A leitura do Quadro 1 permite identificar as características desses enunciados. Se o processo de transição do locutor não ocorre de forma a que o locutor em funções seja substituído pelo locutor seguinte, e é um enunciado de um transmissor que está na base desse facto, então esse enunciado tende a ser um acto directivo indirecto que selecciona como alocutário o conjunto dos locutores potenciais e que, situado no plano do discurso instrucional, realiza um movimento de abertura. Se realizados por locutores aquisidores, os enunciados que antecedem as unidades discursivas simultâneas são significativamente diferentes; tendem a ser actos ilocutórios não directivos que seleccionando um alocutário específico realizam, ainda no plano do instrucional, movimentos de resposta.

A leitura do Quadro 2 permite constatar que, dada a situação em que um conjunto de locutores toma a palavra ao mesmo tempo, ela tende a ser resolvida pelos locutores que formalmente detêm um maior controlo sobre a interacção. Isto é, num processo de negociação directa da tomada da palavra o estatuto dos sujeitos envolvidos é determinante para se assegurar a vez de falar.

Neste processo, há determinadas opções linguísticas e interactivas que são privilegiadas. Assim, a tomada da palavra é assegurada pelos transmissores sobretudo através de enunciados dirigidos que instituem como alocutário o conjunto dos sujeitos. Estes enunciados são na sua maior parte actos ilocutórios directivos, sobretudo indirectos. O conteúdo proposicional desses actos tende a manter uma relação de contiguidade com o discurso anterior.

Se são os sujeitos aquisidores quem resolve as unidades discursivas simultâneas, então as suas opções privilegiam a realização de actos ilocutórios individualmente dirigidos, maioritariamente não directivos e que,

também eles, mantêm ao nível do conteúdo proposicional uma relação de identidade com o discurso anterior. Uma maioria significativa destes enunciados posiciona os transmissores no centro do discurso, assegurando uma transição fluida de locutor.

5. Conclusões do estudo

A constatação de que as unidades discursivas simultâneas geradas por movimentos de abertura, no campo do discurso instrucional, realizados pelos transmissores, sob a forma de actos ilocutórios directivos que não seleccionam um alocutário específico, leva a concluir que enunciados deste tipo supõem um enfraquecimento no enquadramento da comunicação; enfraquecimento que é, por sua vez, facilitado pelas características do próprio contexto, nomeadamente pelo princípio de participação/avaliação que o regula.

Que este princípio de participação/avaliação desempenha um papel importante na organização da interacção comprova-o o facto de, mesmo quando os locutores transmissores seleccionam enunciados que organizam mais estritamente a interacção, a transição de locutor se operar de forma complexa. Do mesmo modo, o facto de um locutor aquisidor realizar, em termos interactivos, o movimento adequado ("resposta"), atribuindo mesmo que implicitamente a vez de falar aos transmissores, não significa que a transição de locutor ocorra linearmente.

A verificação de que numa situação complexa de mudança de locutor, para garantir a tomada da palavra, são predominantemente realizados actos ilocutórios directivos e dirigidos, que asseguram a manutenção do assunto, desenha a existência de uma estratégia para a transição de locutor, em contextos caracterizados pela desigualdade na distribuição do poder e do controlo. Esta estratégia passa pelo estabelecimento de uma relação "eu (locutor) → vós (alocutários)" em que se afirmam relações de poder; neste processo, procura-se quase sempre garantir a

manutenção do assunto, buscando-se também, aí, a legitimidade para tomar a palavra.

O que é curioso verificar é que esta estratégia não parece congruente com as escolhas linguísticas que estão na base das unidades discursivas simultâneas. O enfraquecimento do enquadramento não parece ser um objectivo comunicativo dos sujeitos transmissores.

Considerados os resultados em termos de caracterização do discurso pedagógico, é visível que no processo de transição de locutor os papéis se especializam, havendo uma correlação entre o estatuto dos locutores e determinadas estratégias pragmáticas. Os sujeitos aparecem, assim, posicionados de forma diferente no contexto de interacção, em termos quantitativos e em termos qualitativos, revelando-se como vozes especializadas. Vozes especializadas que se constituem *no e pelo* discurso, que deste modo se apresenta como "a forma que torna visíveis as relações sociais" (Faria, 1983: 19).

NOTAS

- (1) Entendemos por contextos formais de interacção os contextos que são marcados pela relativa estabilidade da forma de relação dos seus factores e que estão regulados por princípios que, parcialmente, são gerados fora dos contextos específicos de comunicação.
- (2) O campo de recolha deste material foi o *corpus* linguístico apresentado em Castro, 1987 (vol. II).
- (3) A definição de um segmento de interacção como unidade discursiva considerou como critérios, além da estrutura linguística, o estatuto do locutor, a singularidade ou pluralidade do locutor e a simultaneidade ou sequencialidade da ocorrência dos enunciados produzidos (cf. Castro, 1987: 131).
- (4) Este momento do estudo expande uma análise já iniciada em Castro, 1987: 170-186.

BIBLIOGRAFIA

- BERNSTEIN, B., 1981, "Codes, modalities and the process of cultural reproduction: A model", *Language in society*, 10: 327-363.
- CASTRO, R., 1987, *Aspectos da interacção verbal em contexto pedagógico. Objectivos ilocutórios, estruturas da interacção e tomada da palavra (Vol. I e II)*. Dissertação de mestrado em Linguística Portuguesa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- ERVIN-TRIPP, S., 1979, "Children's verbal turn-taking", in OCHS, E. & SCHIEFFLIN, B. (eds.), *Developmental pragmatics*, New York, Academic Press.
- FARIA, I., 1983, *Para a análise da variação socio-semântica*. Dissertação de doutoramento em Linguística Portuguesa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- GRICE, H., 1975, "Logic and conversation", *Syntax and semantics. Vol. 3. Speech acts*, New York, Academic Press.
- McHOUL, A., 1979, "The organization of turns at formal talk in the classroom", *Language in society*, 7: 183-213.
- PEDRO, E., 1982, *O discurso na aula. Uma análise sociolinguística da prática escolar em Portugal*, Lisboa, Edições Rolim.
- SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G., 1975, "A simplest systematics for the organization of turn-taking in conversation" in SCHENKEIN, J., (ed.), *Studies in the organization of conversational interaction*, New York, Academic Press.
- SINCLAIR, J. & COULTHARD, R., 1975, *Towards an analysis of discourse. The english used by teachers and pupils*, Oxford, Oxford University Press.